

## Introdução:

“O Brasil está em formação ou em dissolução?”  
Capistrano de Abreu<sup>1</sup>.

A etimologia da palavra epígrafe ensina que um dos seus sentidos fortes é o de inscrição. Se o mesmo não anula outro, qual seja, o de registro que situa a motivação ou tema de uma obra, sua enunciação permite apresentar as questões centrais que instigaram as indagações e análises deste trabalho. Nesses termos, será a partir de uma pergunta, presente em algumas missivas da correspondência de Capistrano de Abreu, que gostaria de iniciar esta dissertação. Uma pequena pergunta que, talvez, possa servir de caminho a ser percorrido para lidar com as questões que mobilizam este texto, visto que esta pergunta, ao aparecer nas cartas, jamais encontrou uma resposta que a pacificasse. Uma pergunta que guarda, em si, de maneira explícita, um paradoxo que expande seu efeito sobre o leitor, e aglutina, tanto uma imagem acerca do momento vivido por Capistrano, quanto uma íntima relação entre seus projetos pessoais e pesquisas. Uma pergunta que, em última instância, permite aproximá-lo de uma série de outros intelectuais do período pela ausência de uma resposta propositiva, e sim, diagnóstica. Enfim, será a partir dela, e lidando com a sensação que ela transmite, que este estudo irá se desenvolver.

O objetivo desta dissertação é realizar uma análise das representações sobre a Nação e sobre si elaboradas por Capistrano de Abreu. Dada a articulação que empreende, por contraste na narrativa histórica, entre presente e passado, no livro *Capítulos de História Colonial*, tenciono analisar, em um primeiro instante, o impasse entre a herança colonial e uma específica ética da conduta - montada no elogio da constância - em um texto elaborado com uma coerência explicativa própria, manifestada na superação do transoceanismo e no povoamento do território. Em um segundo instante, a abordagem se desloca para a análise de sua correspondência. Assim, as representações antes suscitadas dialogam em um outro terreno; busca-se, agora, compreender como o autor exercita sua “automodelagem”, enquanto afirmação, em sua própria escrita de si, dos valores

---

<sup>1</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mario de Alencar 19/09/1909 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência v. 1* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 182.

exaltados naquele elogio da postura diferenciada, presente nos *Capítulos*, frente à sensação do provisório e do inacabamento da Nação.

Nesses termos, *Capítulos* tornou-se o ponto de partida para refletir acerca de uma série de questões correlatas, que tanto instigaram os homens de ciências e letras, testemunhas e agentes das continuidades e rupturas do que veio a ser a passagem do século XIX para o XX, na sociedade brasileira. A sua maneira, tal texto, tomado por alguns como o único terminado por Capistrano de Abreu, durante seu tempo de vida, pode ser entendido como um diagnóstico sobre o país, em que o uso particular e original das categorias formação/dissolução podem ser discutidas. Menos do que ver em *Capítulos* algo devidamente encerrado pelo autor inquieto que foi Capistrano, o mesmo assumiu, neste estudo, uma especialidade e uma função, a partir das quais se buscou identificar e analisar o valor da escrita da história, no seu potencial de crítica, para os impasses, então em curso, dos tempos de uma República em construção.

Tendo em vista essa indagação, decidi assinalar, como corte cronológico em destaque, o período situado entre a primeira edição de *Capítulos*, datada de 1907, e o ano de falecimento do autor cearense, 1927; período de sua trajetória de vida em que é normalmente qualificado como cético e pessimista. Não desejando imputar ao livro mencionado um lugar de marco, no estilo de referencial que delimita um antes radicalmente diferente de um depois, entendo-o, aqui, como um catalisador, a partir do qual as idéias de Capistrano de Abreu sobre o Brasil e suas histórias possam ser pensados. Como ponto de partida, *Capítulos* será também ponto de chegada, ou melhor, da abordagem aqui escolhida para investigar tensões entre autor e obra, valores e visões de mundo de um sujeito. Nesse ponto, justifica-se a utilização, neste trabalho, de outros textos de Capistrano, alguns de seus artigos e, em especial, fragmentos de seu extenso epistolário.

Se *Capítulos de História Colonial* pode ser interpretado como um diagnóstico sobre o Brasil, como aqui está suposto, tal perspectiva direcionou este estudo para uma análise pautada no uso e na significação de alguns conceitos. Formar/dissolver, verbos imbricados que norteiam a interpretação proposta e caracterizam uma imagem de nação, sua fisionomia, suas contradições. Nessa qualidade, figuram, na narrativa histórica dos *Capítulos* de Capistrano, a natureza, o território, a raça, os grupos etnográficos, a ética de conduta, a psicologia dos povos, o passado, o presente. Ao eleger problematizar tais conceitos, sem a

pretensão de esgotá-los, busca-se, entre outros aspectos, destacar o que, como impasse, tonalizou a herança colonial e sua superação, fosse o transoceanismo, fosse a dispersão do povoamento, a interferir, em larga medida, em comportamentos que muito fragilizaram a unidade identitária da comunidade imaginada como nação. Distanciando-se de alguns de seus contemporâneos, aproximando-se de outros, numa rede de sociabilidade em muito guardada na intensa correspondência deste autor, Capistrano de Abreu quis apresentar o Brasil “tal e qual” ele havia sido e, em alguns aspectos, ainda era, no alvorecer do século XX.

O primeiro momento desta dissertação corresponde à parte em que tais análises vieram a ser prioritariamente desenvolvidas. Optei por organizá-lo em tópicos de tal forma que essa eleição temática e conceitual, eixo desta empreitada interpretativa, pudesse vir a ser explicitada. Pretendo, então, no primeiro Capítulo, fazer uma leitura detida dos *Capítulos de História Colonial* procurando entender como se constitui a noção de inacabamento da Nação que o texto mobiliza. Em um primeiro instante, reflito acerca da polêmica entre Capistrano de Abreu e Sílvio Romero, mesmo presente em um artigo de juventude, para compreender como Abreu tornou a Natureza um elemento primordial para a formação histórica da nação. Logo em seguida, investe-se em uma leitura intensiva dos *Capítulos* analisando como a paisagem inicial, composta de variadas regiões, vai sofrendo a alteração da ação humana - ocupando o território - e, simultaneamente, gerando a “transfiguração”, a “diferenciação paulatina do reinol”. Enfim, o papel do jesuíta será analisado como a experiência que conjuga constância e linearidade dos atos a serviço da Nação; uma espécie de personagem, por excelência, que aglutina as qualidades de certo tipo de conduta ética que Capistrano não visualizava nem no passado, nem no presente.

Frente à relevância da correspondência de Capistrano de Abreu, não pude me furtar a sua utilização naquilo que essa socorreu na construção do argumento. Por mais que ela tenha sido utilizada no corpo de toda a dissertação, a análise mais intensiva da mesma, como registro da visão de mundo do autor/ator, veio a ser reservada para a segunda parte do texto. Nesse caso, como esclarecimento deste intróito, cabe pontuar que este ensaio tem como particularidade o fato de lidar com dois objetos diferenciados em cada uma das partes: um texto teórico em seu primeiro momento e a epistolografia, em um segundo instante. Tenciono, a

partir de dois caminhos diferenciados, encontrar questões e perspectivas particulares a cada um e, logo em seguida, encontrar um ponto de conexão entre ambos a partir de um argumento particular; novamente a noção de constância parece atender a esta demanda, pois alimenta tanto a visualização deste mundo inacabado e em ruínas, quanto propicia o contraste com as categorias formação e dissolução. Inacabamento este, ainda enquanto esclarecimento, que gerava imagens em choque, fruto de um fundo romântico em seus escritos, e que perpassava toda a sua obra teórica e epistolografia. Inacabamento de si, inacabamento da nação, inacabamento de projetos pessoais. Em outras palavras: a construção de um argumento particular a esta dissertação, fruto da demanda por lidar com dois materiais heterogêneos, que propiciasse jogar com os termos formação e dissolução, assim como com a noção de processo inacabado.

Nesta instância, no segundo capítulo, interessa pensar de maneira mais detida o indivíduo. No imenso teatro que é a vida em sociedade, as máscaras, as figuras dramáticas, as imagens simuladas e as palavras empregadas constituem um primoroso jogo de comunicação, no qual o que se controla é a própria espontaneidade da conduta. Na vida social, a encenação tem valor de face e o indivíduo, concebido como ator, ao projetar sua figura e suas características pessoais, define-se aos olhos de seus semelhantes.<sup>2</sup>

Nesse palco, no tempo em que Capistrano viveu, Rui Barbosa era imbatível, sendo aclamado como o maior entre todos, a maior inteligência do planeta. Dominava a “arte do bem dizer” e de encantar o público com palavras tão sonoras e períodos tão bem decorados que parecia mesmo querer arrebatá-lo o espírito dos auditores encantados. No período em que Barbosa era o principal ator de uma cidade-palco, Capistrano não fazia apresentações, evitava estar diante do grande público. Não possuía a técnica da oratória, não possuía vasta memória, não possuía o cuidado necessário para a exibição em público. Antes disso, Capistrano se construía por diferença, delineando, em suas cartas, justamente, a ausência de memória e o gosto e pesar pela solidão. Um exercício que visava contrastar com estes intelectuais, dos quais além de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco também seria presença constante. Este último, na leitura de Capistrano, seria, assim como Rui Barbosa, um ator de diferenciadas máscaras; aquele que

---

<sup>2</sup> Muito deste desenvolvimento segue as reflexões de GOFFMAN, Erwin *A representação do Eu na vida cotidiana* 8º ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

encarnava o enquadramento perfeito nas regras de etiqueta, estilizado de maneira perfeita e acabada, possuindo extremo cuidado com as aparências. Capistrano, ao contrário, era o ator de uma máscara só. Aquele que explicitava a impossibilidade de mudança, que não sucumbia ao condicionamento externo – seja de editores ou de livrarias – e que, apenas, preocupava-se com sua obra.

Lidando com estes aspectos, através de sua correspondência, busca-se compreender o exercício contínuo de um olhar para si como estratégia de enfrentamento de questões que disseram respeito a seus projetos historiográficos, a sua forma de interpretar a nação e de prefigurar o valor do próprio trabalho intelectual. A intenção, neste segundo instante do texto, é compreender como ocorreu sua “automodelagem”<sup>3</sup> e como esse processo dialogou com algumas das idéias antes analisadas em seus *Capítulos*, e, por fim, identificar a correlação entre essas idéias e aquilo que particularizava uma espécie de comportamento ético do intelectual, almejado por Capistrano de Abreu, na ambiência por ele vivenciada.

Em outras palavras, busca-se, neste caminho, entender os apontamentos esparsos sobre si, sobre a Nação e sobre a história, como um endereçamento para o mundo; a construção de um discurso capaz de uma intervenção na sociedade, através de uma auto-representação edificada pelo indivíduo. Tal afirmação visa ponderar que Capistrano construiu para si um auto-retrato que foi corroborado pelos seus interlocutores: a imagem do intelectual que vela pelo estudo, isolamento e constância nas idéias, qualidades elogiadas pelo próprio autor de *Capítulos de História Colonial* em José de Alencar, uma referência de Capistrano para falar de si mesmo. Cabe lembrar que foi José de Alencar que apresentou Capistrano de Abreu para imprensa, quando este chegou pela primeira vez ao Rio de Janeiro, e de que Capistrano escreveu o seu necrológio que, segundo alguns biógrafos, havia sido superior ao de Machado de Assis<sup>4</sup>. Abreu descreveria, no necrológio antes referido, um conjunto de atributos que singularizariam Alencar,

---

<sup>3</sup> O que está em jogo na utilização desse conceito é exatamente o destaque do artifício de elaborar a própria identidade, o processo de *self-fashioning*, considerado como a modelagem de si, a construção da singularidade individual a partir de um conjunto de experiências culturais diversificadas. In: GREENBLATT, Stephen *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*, Chicago & London, 1980.

<sup>4</sup> O relato do encontro de Capistrano com José de Alencar, ainda no Ceará, e da leitura de Machado de Assis do necrológio escrito por Capistrano está presente em CÂMARA, José Aurélio Saraiva *Capistrano de Abreu. Biobibliografia* Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1967.

demarcando o seu lugar entre aqueles autores preocupados com a Nação, e que seriam, também, recomendados aos outros correspondentes.

Seguindo estas ponderações, foi alinhavado o segundo capítulo. Ainda aqui, aquela pergunta acerca da formação ou dissolução permanece enquanto tema, mas agora dialoga em outro terreno: mapeia-se o conjunto de impressões de Capistrano em seu presente em diálogo com a constituição de seu auto-retrato. Em um primeiro instante, problematiza-se o próprio conceito de formação, aproximando e diferenciando de outros intelectuais, como Oliveira Lima e João Ribeiro, por exemplo, e quais referenciais possibilitavam ao autor compreender um período como de “transição”; a sensação do provisório pautada na tensão política e na assincronia entre Estado e Nação. Por último, empreende-se uma leitura mais detida de suas cartas, pensando como se construiu um olhar para si que reiterou valores exaltados por certa tradição intelectual, e como a disritmia do espaço público aguçou a expressão de sua individualidade. Em sua correspondência, Capistrano encenou uma determinada postura de relacionamento com o conhecimento, alicerçada na idéia de *Bildung*, a qual, por sua vez, e como procuraremos discutir, pareceu estar diretamente associada a seu modo de conceber a nação e ao valor da história como crítica que a fundava e, paradoxalmente, demonstrava sua dissolução.

Ao lidar com determinados impasses, na sua escrita da história, nas suas experiências de vida, Capistrano de Abreu fez da dúvida sobre a formação e/ou dissolução da Nação, sua inscrição no seu tempo, a inquietude que tanto o mobilizou em projetos, por vezes, inacabados. Neste texto, faço da pergunta de Capistrano o meu instante inicial para mobilizá-lo enquanto questão, e, além disso, faço dela um acompanhamento ao longo de todas estas linhas. Que o leitor, ao percorrer as próximas páginas, possa partilhar um pouco dessas indagações.